

UM OLHAR PARA AS DOCUMENTAÇÕES PEDAGÓGICAS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL NO CURSO DE PEDAGOGIA¹

Jéssica Beluco Vitoreti²

Luciane Pandini Simiano³

Resumo: O presente trabalho tem por foco investigar o processo de documentação pedagógica como estratégia de formação inicial de estudantes matriculados na UA de Estágio Orientado Supervisionado em Educação Infantil I no curso de Pedagogia da Unisul/Campus Tubarão. Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa (GIL, 2002), a partir dos pressupostos da pesquisa documental como forma de articular o empírico ao teórico. A análise dos dados se sustenta nas proposições teóricas da pedagogia italiana. Ressaltamos o processo de documentação pedagógica como uma prática inovadora na Educação Infantil, que oferece suporte para exercer a docência com crianças pequenas, podendo, assim, contribuir de maneira significativa na formação inicial de professores nesta modalidade. Destacamos a importância de aprofundar estudos acerca do tema, tendo em vista a pouca produção teórica sobre o tema no Brasil.

Palavras-chave: Formação inicial. Documentação pedagógica. Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o curso de Pedagogia no Brasil era visto como um estudo sobre a “forma de ensinar”, um lugar de formação técnica. Nas últimas décadas, com novas exigências legais de qualificação para os profissionais da área, os currículos foram sofrendo reformulações, a exemplo da inserção da habilitação para atuar com crianças de 0 a 5 anos (Educação Infantil).

O desafio que se coloca, atualmente, na formação inicial em Pedagogia, é pensar uma articulação entre os conhecimentos teóricos e a prática profissional, proporcionando reflexão

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.
E-mail: jessicavitoreti@hotmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora do quadro permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.
E-mail: lucianepandini@gmail.com/Luciane.simiano@unisul.br.

crítica e ampliação dos campos de conhecimento. Nesse sentido, a Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, art. 13, inciso IV, § 6º, nos diz que “O estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico” (BRASIL, 2015, p. 12).

Compreendemos que o estágio, neste curso, é uma atividade que traz os elementos da prática para dentro do espaço acadêmico, auxiliando na formação dos futuros professores. A Unidade de Aprendizagem⁴ de Estágio Supervisionado na Educação Infantil I, oferecida no curso de Pedagogia da UNISUL, de acordo com seu Projeto Pedagógico, propõe a articulação entre os conhecimentos acadêmicos com a atuação fora do ambiente da universidade, integrando ensino, pesquisa e extensão. Além disso, é vista como componente obrigatório e indispensável para a formação inicial.

Luciana Ostetto (2011), ao pensar o estágio curricular obrigatório na área da Educação Infantil, salienta que “a formação do professor envolve [...] muito mais que domínio teórico, competência técnica e compromisso político. Lá estão histórias de vida, crenças, valores, afetividade, enfim, a subjetividade dos sujeitos implicados” (2011, p. 128). Nesse sentido, estágio curricular na Educação Infantil é um momento oportuno na formação do professor, pois possibilita a abertura e exposição para a travessia do ensinar, pesquisar, (des)aprender, deslizar, afetar, ser afetados, desdobrar, tecer modos de existir e ressignificar mundos, aprendendo a olhar para cada criança e suas diferentes infâncias.

Neste processo, a estratégia de documentar a experiência cotidiana em contextos de educação infantil é fundamental e compõe a ementa do curso de Pedagogia: “Práticas de observação e registro dos modos de ser e viver das ações sociais dos bebês e das crianças de 3 a 5 anos em diferentes contextos de educação e cuidado. Documentação pedagógica. Construção de projetos de estágio” (UNISUL, 2012, p. 63). A documentação pedagógica torna-se uma importante ferramenta para a pesquisa do processo educativo, já que:

A proposta de registrar a experiência vivida, descrevendo e analisando a complexa trama do cotidiano educativo, com seus fios, laços e nós, tem sido apontada e assumida como essencial para a qualificação da prática pedagógica. [...] ao escrevermos nossa experiência, nosso fazer ganha visibilidade, torna-se documento ao qual podemos retornar para reviver o vivido, atribuindo-lhe outros significados e projetando outros fazeres desejados ou necessários. (OSTETTO, 2011, p. 13).

⁴ Unidade de Aprendizagem é a designação dada no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia para os componentes das diversas certificações, equivalendo a uma disciplina.

A documentação pedagógica é um processo que torna visível as narrativas da experiência educativa. É uma forma privilegiada de ler e contar o cotidiano das crianças, como elas aprendem e se relacionam. O ato de documentar possibilita, ainda, reconhecer e valorizar a infância à medida que o professor-colecionador (PANDINI-SIMIANO, 2015) busca no dia a dia colher preciosidades, experiências do cotidiano educativo, que se não forem documentadas e narradas, correm o risco de se perder. Tais narrativas evidenciam uma imagem de criança potente, ativa, imagética. Criança que necessita de tempos, espaços e relações capazes de sustentar o ser e estar na creche.

Cursar a Unidade de Aprendizagem de Estágio em Educação Infantil I, primeiro estágio no percurso da formação inicial, possibilitou-nos olhar e pensar a Educação Infantil a partir de outras perspectivas. Muitas coisas nos acontecem diariamente e ir a campo de estágio com o olhar sensível, em um movimento desacelerado, fez-nos perceber o que as crianças diziam para além da audição das palavras e vivenciar a importância do professor neste processo. Observar, registrar, interpretar e narrar... O desafio de documentar tornou-se essencial para a construção de um planejamento significativo, planejamento este que faz parte da competência do Estágio Supervisionado. Por experiência própria, esta UA foi fundamental para a relação teoria e prática, desvelando pouco a pouco a futura profissão e permitindo uma aproximação e uma compreensão com a (des)conhecida documentação pedagógica.

No percurso acadêmico, houve a possibilidade de participar do Programa Unisul de Iniciação Científica (PUIC), durante o ano de 2019, o qual foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Cabe dizer, que o projeto de pesquisa realizado no PUIC está vinculado ao GEDIG/UNISUL (Grupo de pesquisa Educação, Infância e Gênero) e insere-se no interior do projeto de pesquisa coordenado pela Prof. Dra. Luciane Pandini Simiano e intitulado: *“Documentação Pedagógica como narrativa da experiência educativa: Perspectivas para a docência e formação de professores na Educação Infantil”*, aprovado pela CHAMADA PÚBLICA FAPESC/CNPQ Nº 06/2017.

A partir desse percurso de estudo e pesquisa é que o problema da presente pesquisa se coloca: O que contam as documentações pedagógicas construídas na UA de Estágio Supervisionado na Educação Infantil I do Curso de Pedagogia da UNISUL – Campus Tubarão? Como objetivo geral, buscamos analisar o que contam as documentações pedagógicas construídas na UA de Estágio Supervisionado na Educação Infantil I do Curso de Pedagogia da UNISUL. A partir dessa proposta, elencamos como objetivos específicos: identificar os conceitos de criança presente nas documentações produzidas pelos acadêmicos;

identificar nas documentações indicações de práticas docentes que assegurem as especificidades do brincar, das interações e das linguagens na docência da Educação Infantil; estabelecer relações entre o processo de documentação e a sua contribuição na formação de professores para a docência na Educação Infantil.

Em termos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida em uma perspectiva qualitativa (GIL, 2002), mediante pressupostos da pesquisa documental, visto que propõe a investigação de documentos que ainda não foram analisados. Nessa perspectiva, elegemos como instrumento de pesquisa as documentações pedagógicas e as cartas produzidas pelos estudantes na UA Estágio Supervisionado em Educação Infantil I.

Os sujeitos da pesquisa, indiretamente, estão envolvidos, sendo eles os acadêmicos do Curso de Pedagogia da UNISUL matriculados na Unidade de Aprendizagem de Estágio de Educação Infantil I, no semestre letivo de 2019-1 – Campus Tubarão.

Para realizar a coleta de dados, acessamos as documentações pedagógicas construídas pelos estudantes de pedagogia no “*Giardino* - Centro de Documentação Pedagógica em Educação Infantil”, disponibilizado no Repositório Institucional RIUNI/UNISUL. Trata-se de um ambiente digital que permite acesso a documentos relativos à produção intelectual das mais diversas áreas do conhecimento na UNISUL. Para ter acesso as cartas escritas pelos acadêmicos no final da Unidade de Aprendizagem de Estágio, solicitamos junto a professora responsável.

O texto está estruturado em três tempos. Inicialmente, apresentamos olhares que sustentam a área da Educação Infantil e alguns aspectos do processo de documentação pedagógica. Em um segundo tempo, tratamos das documentações pedagógicas e cartas produzidas pelos acadêmicos do Curso de Pedagogia, assim, buscamos realizar uma análise de tais materialidades. Ao final, tecemos considerações finais do estudo para esse tempo.

Figura 1 – Experienciar...



*“Experiência é o que nos passa, o que nos acontece,
o que nos toca”.*

(BONDIA, 2002, p. 21)

Fonte: Acervo da autora, 2020.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL, FORMAÇÃO INICIAL E DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: ALGUNS OLHARES

O surgimento da modalidade de Educação Infantil e sua trajetória foi uma grande conquista para a educação brasileira. Atualmente, a Educação Infantil é considerada:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (BRASIL, 2010, p. 12).

Porém, nem sempre se pensava assim. Antecedendo a constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, o jardim de infância, como era conhecido o ensino para crianças de 0 a 6 anos, possuía cunho assistencialista e higienista, visando somente ao cuidado, geralmente para as camadas sociais mais carentes. Pouco se pensava em seu caráter educacional, da mesma forma como as pesquisas sobre o assunto eram escassas e, geralmente, estavam ligadas às áreas da sociologia, da psicologia, da antropologia e da saúde.

Foi somente com a consolidação da Constituição de 1988 e, posteriormente, com a LDB, que a Educação Infantil passou a ser considerada primeira etapa da educação básica e dever do Estado. “Da mesma forma alterou-se a função social das instituições de Educação Infantil, que passaram de espaço para cuidar em local onde as crianças também são ensinadas,

socializadas, desenvolvem-se plenamente e de forma integral” (CARVALHO, 2014, p. 55). Com isso, o atendimento em creches e pré-escolas tornou-se direito social da criança. A partir deste momento, a criança passou a ser considerada:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Considerando tais princípios legais, foi necessário repensar o trabalho pedagógico, repensar a Educação Infantil. Conseqüentemente, a qualidade da educação oferecida às crianças implica na formação competente dos profissionais que atuarão nesta área, afinal “A chave para o desenvolvimento pleno das capacidades humanas está nos processos educativos. Quem faz educação, e como, torna-se questão central nesses processos” (GATTI, 2013-2014, p. 35).

Assim, faz-se necessário, na formação inicial, a mobilização de saberes práticos, experiências em campo de trabalho para além dos saberes acadêmicos teóricos. O estágio supervisionado oportuniza condições para colocar em prática as discussões, desenvolvendo intervenções pedagógicas de modo a (re)pensar o processo educativo.

A aproximação dos acadêmicos estagiários com o campo de estágio permite uma aproximação com as crianças, possibilitando ampliar seus saberes sobre elas.

Tal compreensão contribui para que pensemos a formação inicial como um espaço que introduz elementos para a construção de uma postura profissional de valorização e práticas como a observação, a discussão e a reflexão sobre os múltiplos modos de expressão das crianças, instrumentos fundamentais da prática pedagógica em educação infantil. (CERISARA et al., 2002, p. 5).

Neste sentido, acreditamos que o processo de documentação pedagógica, previsto na ementa da UA Estágio Supervisionado em educação Infantil I, no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da UNISUL, contribui significativamente para a prática pedagógica na Educação Infantil, tendo em vista que:

A concepção que dá alicerce para o estágio supervisionado está fundamentada no princípio da ação-reflexão-ação que norteia este projeto pedagógico o que exigirá do estagiário observar, refletir e exercitar o fazer pedagógico a partir desse princípio epistemológico, no decorrer de todo esse processo estágio. (UNISUL, 2012, p. 196).

Em busca de conhecer um pouco mais sobre o processo de documentação pedagógica, podemos situar sua história na Itália, em uma época em que o país foi marcado por terror e barbárie. Após a segunda grande guerra, era necessária a criação de uma escola que superasse e reedificasse suas concepções para uma nova geração; uma escola capaz e comprometida em formar crianças e adolescentes. Loris Malaguzzi, um jovem professor sensibilizado com o desejo da construção desta nova pedagogia, “[...] criou muitas estratégias políticas e pedagógicas; uma delas tem sido imprescindível para o sucesso de sua abordagem. Ela se chama Documentação Pedagógica” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 9). Malaguzzi sugeriu aos professores que anotassem em uma caderneta o que acontecia em sala e, posteriormente, deveriam refletir sobre suas escritas e a vida na escola. Desde então, neste contexto, documentar é essencial para o processo educativo.

Dar visibilidade, criar memórias, transmitir uma mensagem, tornar-se ponto de encontro, documentar

[...] permite entrar na ação educativa e representar pensamentos e ideias de uma forma que não é arbitrária, mas que leva em conta as crianças, protagonistas da ação educativa e os educadores responsáveis pela organização dos acontecimentos. (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 87).

O ato de documentar é uma ferramenta aliada ao professor, no qual é possível conhecer e reconhecer cada criança, cada infância, bem como as compreendemos. Para tanto, é importante pensarmos nos aspectos do *registro*, da *interpretação* e da construção de *narrativas*. Para ambos, é necessário estar atento e sensível, de modo a enxergar as crianças, compreendendo e respeitando tudo o que elas nos dizem, e crianças nos dizem muito!

Durante a UA de Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia – UNISUL, a observação e a escuta se fazem presentes a todo o momento, já que o projeto de docência é realizado por meio de todas as preciosidades coletadas em campo, e é aí que “[...] a magia acontece: a escuta do outro provoca a abertura ao inesperado e à surpresa, aquilo previamente ignorado. De natural, óbvio, o cotidiano passa a ser extraordinário” (PANDINI-SIMIANO, 2015, p. 58).

Ao olhar e escutar, o *registro* torna-se necessário. Seja por fotos ou gravações, dizeres extensos ou breves, o registro permite reviver o acontecido. Lembrar daquilo que deixou marcas. É importante ressaltar que “[...] para fazer um bom registro, não se trata de captar o maior número de informações e objetos possíveis. Como em uma coleção, trata-se de selecionar aquilo que faz sentido” (PANDINI-SIMIANO, 2015, p. 61). O cuidado com o

excesso de informação faz-se necessário para não se distanciar daquilo que se pretende documentar, e isso é difícil, porque,

[...] trabalhando com crianças pequenas, tudo nos parece igualmente importante, e é; no entanto, se queremos avançar em nossos pensamentos e em nossa maneira de ensinar, temos que ‘delimitar’, destacar algumas coisas. Escolher não significa perder de vista o contexto, mas focar em algumas coisas específicas. (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 32).

Além disso, não existem regras para registrar. Tudo dependerá da intenção do professor e para quem ele deseja documentar. Quando escolhemos algo para registrar, colocamos, mesmo que intencionalmente, nossa perspectiva daquilo que consideramos mais relevante. Devemos estar abertos a todos os acontecimentos, mas saber selecionar aquilo que é significativo, aquilo que nos toca, aquilo que torna visível as narrativas da experiência educativa.

Escolher, revisitar, reorganizar e *interpretar* o material coletado é um processo que deve ser feito cuidadosamente. A documentação conta uma história e, da mesma forma, os materiais coletados devem compor uma sequência. Ao interpretar, o professor busca dar significado aos acontecimentos e, nesta etapa, o diálogo e a troca de experiências em grupo permitem olhar para diferentes aspectos, “Assim, a documentação assume a importante função do auto formação na construção de uma forma de pensar compartilhada pelo grupo” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 94). Durante a coleta de pistas do processo educativo, o outro pode olhar para além do que eu vi. O outro pode perceber coisas que eu não havia percebido antes. Dessa forma, a documentação pedagógica promove uma prática democrática, envolvendo diferentes pontos de vista da prática educacional.

Entretanto, o registro e a interpretação não teriam o mesmo significado sem a *narrativa*. Ambos são processos entrelaçados. Por meio da narrativa, a intenção do professor ao registrar e interpretar se concretiza, tornando-se uma documentação pedagógica. Narrar é transformar as experiências em palavras. É transmitir o acontecido.

[...] a riqueza se dá no reconhecimento do íntimo como algo grandioso, luzente. Alguém que recolhe, colhem registra, interpreta e narra. Daí advém a potência do professor como colecionador. No gesto de documentar oferece uma narrativa sobre as coisas, os espaços, os lugares, a infância. (PANDINI-SIMIANO, 2015, p. 105).

O que contam os estudantes sobre seus primeiros encontros em campo de estágio? Quais suas narrativas sobre crianças, as especificidades de sua educação? Poderia o processo de documentar contribuir na formação inicial de professores?

3 O TECER DAS NARRATIVAS: UMA ANÁLISE DAS DOCUMENTAÇÕES PEDAGÓGICAS E CARTAS PRODUZIDAS

No decorrer da Unidade de Aprendizagem de Estágio Orientado Supervisionado em Educação Infantil I, os acadêmicos produziram documentações pedagógicas e escreveram cartas⁵ que narram o percurso nesta disciplina. Este material serviu de locus de investigação e análise do processo de documentação pedagógica como proposta da formação inicial, suas contribuições para a prática docente e as concepções de criança e infância.

Em busca de conhecer mais sobre tal questão, a partir da leitura e categoria das documentações e das cartas, emergiram três categorias de análise: o despertar de um *olhar para a criança* como sujeito de direitos, as *práticas docentes* que assegurem especificidades da Educação Infantil e as *contribuições* do processo de documentação pedagógica para a formação inicial.

Olhar para a criança... A imagem de criança que temos hoje é fruto de uma construção histórica e social. A concepção que se tinha, não é mais a mesma. Antes da modernidade, as crianças eram vistas como uma fase em que as pessoas passavam para tornar-se adultos. Adultos em miniatura. Vir a ser. Facilmente moldadas. Não se dava atenção para aquelas “pequenas pessoas”. Hoje⁶, compreendemos que as crianças são sujeitos sociais de direitos, que possuem gostos, interesses, especificidades e singularidades. São produtoras de cultura.

A criança está aberta ao mundo desde o momento de seu nascimento, ela possui o desejo de saber e de viver. Possui um espírito questionador, aberto ao novo e ao diferente. É pesquisadora, pois procura entender o que a cerca, o que a desperta, buscando significados e levantando hipóteses. É um sujeito social. (LISBOA, 2019, p. 22).

⁵ Narrativas escritas ao final do percurso do estágio.

⁶ Tais questões fazem parte das discussões e estudos nas Unidades de Aprendizagem que antecederam aos estágios, tais como: Infância e Criança: Conceitos e Pesquisa; Políticas Públicas e Legislação para a Infância; Elementos da História da Educação; A Educação dos Bebês em Espaços Coletivos.

Esta concepção de criança potente e toda sua construção histórica e cultural devem ser valorizadas na prática do professor, garantindo às crianças um ambiente educativo oportuno e acolhedor, que reconheça e promova suas descobertas. Além disso, que busque sua autonomia, tal como narra a documentação abaixo:

Figura 2 – Rastros, traços e descobertas... As experiências das crianças com elementos da natureza

1

[...] As flores dessas árvores depois nascerão mais perfumadas – Manoel de Barros

Rastros, traços e descobertas... As experiências das crianças com elementos da natureza

Areia, folhas secas, flores, gravetos e pedras... Um contato único com diferentes materialidades que favorecem a autonomia e ampliam repertórios.



A cada elemento que Anthony explorava, era uma nova descoberta.

Anthony e Caleb seguros, descobrindo novos elementos com curiosidade e entusiasmo.



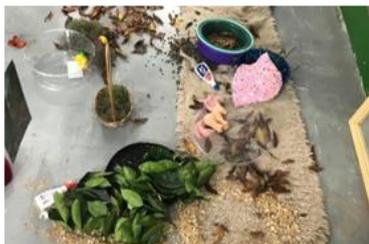
Componentes apostos para o manuseio.

1



Caleb atento, percebe a interação, e resolve participar do momento.

Autonomia como destaque na experiência. A cada toque e escolha dos elementos, surgia uma reação única de curiosidade e novas possibilidades...



Misturas, receitas e resultados da experiência vivida pelas crianças



Caleb resolve fazer um bolo... Usa os ingredientes que estão disponíveis!



Será que consigo experimentar o tapete sensorial?

2

Podemos identificar, nesta documentação pedagógica, uma concepção de criança autônoma e uma docência que permite sua participação ativa, à medida que escolham os elementos da natureza que lhes interessavam. Brinquedos não estruturados. Materialidades que ganharam diferentes formas e funções pelas mãos das crianças. Crianças imagéticas e criativas, onde “A dimensão física diminuta dos corpos não reflete o ilimitado potencial infantil. Daqueles pequenos seres, grandes ideias” (PANDINI-SIMIANO, 2016, p. 8).

Explorar. Criar. Reinventar. A documentação pedagógica permitiu a construção de uma imagem de criança capaz de exercer sua autonomia, o acadêmico, ao narrar suas experiências no espaço educativo, dá voz a elas.

[...] faz-se necessário buscar nas crianças, nas suas práticas, nos seus modos de ser, a possibilidade da construção de novos tempos e espaços em que elas sejam respeitadas como crianças e possam viver como crianças. Não queremos uma educação que prepare para a emancipação, queremos que as crianças vivam a condição de sujeitos de direitos e principalmente o direito de aprender a ser criança e viver intensamente essa experiência. (BATISTA, 2008, p. 54).

Outros acadêmicos, também, tornaram público esta concepção de criança como sujeito de direitos, mostrando, por meio da documentação pedagógica, que elas necessitam da organização de tempo e espaços para fazer suas próprias descobertas:

Figura 3 – Corpo e música: encontro com novas possibilidades para experienciar

5

[...] O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo, no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. (RCNEI/BRASIL, 1998)

Corpo e música: encontro com novas possibilidades para experienciar

Realização de propostas a partir da autonomia.

Autonomia para desenhar, escrever, explorar, expressar-se e alimentar-se sem a interferência do adulto... Com liberdade, criatividade e inúmeras possibilidades.



Encantados pela oportunidade de comerem sozinhos e estarem no refeitório.

Lorenzo e seus amigos adoraram a ideia de desenharem juntos.



Um “*ninho de gato*” que atizou a curiosidade das crianças... Incentivando novas experiências, regadas com música e encantamento...momentos de interação entre crianças e adultos em um espaço que deu vida ao movimento e a busca de soluções para os desafios encontrados.



Maria Vitória convida animada, os amigos a dançar com ela a música que está tocando.



Lorenzo demonstra interesse pelo tambor, desde o primeiro contato com o objeto.



Lorena e demais crianças se desafiam no “ninho de gato”.

2

Fonte: Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL.

Documentar tornou pública a experiência vivida. Este compilado de imagens e dizeres nos mostram o quão capazes as crianças são. Crianças pequenas que se alimentam de modo autônomo, que possuem gostos musicais, que constroem relações de amizade, que são produtoras de sua própria aprendizagem.

A documentação é, pois, um meio que contribui para ampliação da compreensão dos conceitos e das teorias sobre as crianças; é ferramenta para que os educadores observem, registrem, pensem e comuniquem os acontecimentos cotidianos que envolvem descobertas, tentativas, experiências, construções, hipóteses das crianças sobre o mundo [...] (OSTETTO, 2015, p. 206).

Assim, a documentação pedagógica nos convidou a olhar para além do aparente, ao permitir reconhecer indícios de criança potente, valorizando e respeitando suas singularidades.

A liberdade e o direito de escolha, também, são narrados pelos acadêmicos, ao assumir o espaço educativo como lugar de emancipação. Nesse sentido, um espaço pensado, planejado e organizado, que oportuniza a relação entre os pares, a criação de brincadeiras e a descoberta de novas funções para diferentes materialidades, como documentado na figura 4.

Figura 4 – A chegada da casa encantada... O espaço como lugar de linguagem e imaginação

2

“[...] A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem, sempre cem modos de escutar de maravilhar e de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois cem, cem, cem) [...]” Loris Malaguzzi

| A chegada da casa encantada... O espaço como lugar de linguagem e imaginação.



Momentos de descobertas e encantos...



...E a brincadeira começa!

Nas expressões das crianças, o encantamento, a magia, a surpresa. E veio a descoberta “é uma casinha!”. Eis que surge na sala uma casa para brincar, fazer de conta, imaginar, explorar. Pega, toca, bate, olha, entra e sai, encontra amigos através da janela. As ações das crianças são permeadas de liberdade de escolha, movimento, autonomia, alegria e satisfação.

1



Admirados, escolhem os materiais para experienciar...



Maravilhados com a mistura das cores...



Por meio dos pincéis, rolos, esponjas e as próprias mãos as crianças pintam e interagem no espaço fazendo da casa um lugar de imaginação. E assim surgem possibilidades de experienciar cem linguagens no cotidiano.

E o encantamento continua...



E o prazer de sentir!

2

Fonte: Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL.

A forma como o cotidiano é organizado revela a imagem de criança internalizada em nossa prática. Tempos e espaços pensados para as crianças, a partir do princípio da autonomia, fortalecem a concepção de sujeito de direitos.

A chegada de uma casinha “crua” despertou nas crianças o desejo de deixarem suas marcas naquele espaço. As crianças tornaram-se protagonistas da ação, à medida que foi

oportunizado este momento de criação, valorização e cuidado com a aparência daquele ambiente. O espaço, também, documenta, pois ele

[...] não se define somente pela metragem ou por suas dimensões objetivas, mas pela forma como é experimentado, transformando-se em ambiente de interações e vida. A materialidade do espaço e os sinais de interação humana que nele são percebidos indicam concepções de infância, práticas culturais e princípios que sustentam o trabalho cotidiano com as crianças. (KRAMER, 2009, p. 82).

Pautados numa concepção de criança como sujeito de direitos, os acadêmicos documentaram o processo educativo durante a docência e valorizaram sua construção histórico-social.

Ao aprofundar conhecimentos referentes aos princípios legais e aos pressupostos teóricos da Educação Infantil para **a especificidade da prática docente**, encontramos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil eixos do currículo norteados nas interações e nas brincadeiras, favorecendo “[...] a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (2010, p. 25). A integração destas experiências - interações e brincadeiras por meio das diferentes linguagens – oportuniza às crianças situações de aprendizagem significativas.

Pensando nisso, buscamos identificar nas documentações produzidas pelos acadêmicos, indicações de práticas docentes que assegurem as especificidades do brincar, das interações e das linguagens na docência da Educação Infantil, aspectos esses que são revelados na documentação que segue:

Figura 5 – Das vivências nascem aprendizados... Um olhar para as experiências das crianças com diferentes materialidades no espaço da creche

3

"Considerando que a educação coletiva dos bebês efetiva-se na materialidade de um espaço, considero fundamental que ele seja rico, diverso em materiais, brinquedos, mobiliário. O espaço potencializa a educação. Mas, é o olhar, a conversa, o toque, o sorriso, a brincadeira, as experiências que transformam o espaço da creche em lugar, ou seja, lócus de sentido, de construção de identidade." Simiano (p.36, 2010)

Das vivências nascem aprendizados...

Um olhar para as experiências das crianças com diferentes materialidades no espaço da creche

Cesto no chão... Surgem, tecidos, pinhas, espiga de milho, livros, colheres, caixa de ovos... Olhos arregalados e surpresa... Silêncio... O espaço se transformou em um lugar onde os pequenos podiam sentir-se acolhidos. Novos significados, construções, brincadeiras... Cada um se interessava por algo diferente, pois tudo que havia ali era novo e atrativo para eles.



"Maria Vitória encontra em meio aos objetos, uma espiga de milho e um pincel, foi amor a primeira vista, ela começou a pintar seu milho com um olhar atento e afetuoso."



"O cesto é colocada no chão da sala, em cima de uma grande toalha, nesse momento todas as crianças chegam perto para ver o que havia nele, Iris, Arthur, Lucas e Isabela foram as primeiras a pegarem os objetos e dar a eles novas significados."



"Arthur se depara com uma garrafa, a observa atentamente até que começa a chacoalhar e percebe que ela produz um som diferente, ele fica alegre com a sua nova descoberta e solta um lindo sorriso."

1

"O tempo da infância é um tempo imenso, que as crianças têm direito de explorar e experimentar completamente."
Susanna Mantovani (2019, p.8)

O que podemos encontrar na cabana?

A união da madeira e uma colcha de retalhos dá vida à uma cabana... Que possibilita espaço de brincar, estar com amigos, descobrir e ser descoberto! Aos poucos a cabana se tornou abrigo, lugar que amplia repertórios imaginativos, trilhar os brinquedos e as emoções, compartilhar saberes.



"Betina é a primeira a explorar a cabana, entra dentro dela e sai alegremente com expressão de surpresa, repete essa mesma ação diversas vezes, pois está achando incrível ter uma cabana dentro da sala."



"Isabella fica com receio de entrar dentro da cabana, pois não sabe o que pode ter lá dentro, mas seu amigo Lucas a convida para brincar com ele lá dentro, ela o observa até que percebe que o seu cheirinho está lá e resolve entrar para pegá-lo e entra na brincadeira com o Lucas."



"Lucas, Isabella e Betina se reúnem na cabana, todos juntos e começam a brincar com os brinquedos que ali se encontravam, demonstrando prazer e satisfação em estar naquele local, podendo expressar suas emoções."

2

Fonte: Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL.

"O que podemos encontrar na cabana?" (Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL). Nosso olhar curioso, ao percorrer essa documentação pedagógica, encontrou na cabana a interação das crianças, o encontro com o outro, a brincadeira mútua, os brinquedos partilhados, as relações...

O espaço da cabana possibilitou a interação e potencializou as experiências de ser e estar na creche. É importante lembrarmos de que

O espaço potencializa a educação. Mas, é o olhar, a conversa, o toque, o sorriso, a brincadeira, as relações e as experiências que transformam o espaço da creche em lugar de viver a infância, não uma infância qualquer, mas uma infância inteira, completa, uma infância em plenitude. (PANDINI-SIMIANO, 2014, p. 9).

A riqueza presente nas relações cotidianas podem, muitas vezes, passar despercebidas no dia a dia, mas percebê-las e documentá-las, põe em evidência a prática docente da Educação Infantil.

As interações, ainda, foram documentadas por outros acadêmicos, conforme se observa na figura 6.

Figura 6 – As interações das crianças com diferentes materialidades

8

“A imaginação é a base de toda a atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia” (VIGOTSKI, 2009, p.14).

AS INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS COM DIFERENTES MATERIALIDADES

Curiosidade, imaginação e criação: As brincadeiras das crianças e suas interações no espaço da creche



Foto 1: Davi e Vinicius brincando com gravetos e blocos de madeira.



Foto 2: Melissa e Henzo brincando na casinha.



Foto 3: Rafael brincando com gravetos.



Foto 4: Alicia atendendo Davi na janela da casinha.

Casinha, espelho, caixas possibilidades de imaginar e criar. Em frente à casinha, diferentes materialidades... a magia e o encantamento permearam àquele singelo espaço. A imaginação e a criatividade foram palcos para um grande espetáculo.

O que há dentro da caixa? Brincar com uma de cada vez? Brincar com o que tem dentro? Podemos transformar a caixa em um carro? Ou em um simples lugar de aconchego? Ou brincar com a caixa? Perguntas que levam as crianças a imaginar e criar diferentes possibilidades de utilização.



Henzo construindo.



Crianças explorando as caixas.



Miguel dentro da caixa.



Crianças abrindo a caixa.



Antonella e Alicia trocando brinquedos.

A imaginação tomou conta da sala, o brilho nos olhos de cada um era contagiante. Foi possível criar novos significados para cada material. A curiosidade e a descoberta nortearam as brincadeiras das crianças. Imaginaram, interagiram, criaram e recriaram a partir de singelas caixas. Sim! Explorar uma, duas, três caixas, ver o que tem dentro, largar, pegar novamente. Tudo foi possível, afinal, no mundo da imaginação e fantasia, há inesgotáveis possibilidades.

Fonte: Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL.

As diferentes possibilidades para as relações entre os pares, materialidades e espaços reforçam a concepção de Educação Infantil como um lugar privilegiado de interações. Estabelecer vínculos, como documentado acima, influencia até mesmo o desenvolvimento das identidades próprias ao oportunizar novas descobertas e significados.

Como registrado na primeira fotografia, os gravetos auxiliaram na construção de uma brincadeira, juntamente com os blocos. Eles ganharam outra função quando o outro enxergou para além. Somos produtores de histórias e culturas. Nossa aprendizagem transcende em sociedade. Os encontros na casinha e as trocas de experiências entre as crianças enriqueceram ainda mais o processo de aprendizagem.

As brincadeiras surgem das interações do bebê com o outro, com o adulto e o espaço, tal como podemos observar na documentação subsequente (Figura 7).

Figura 7 – O encantamento dos bebês ao encontrar o novo

7

Desde que nascem as crianças estão mergulhadas em contextos sociais diversos que lhes apresentam aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo. (GOBBI, 2010, p 1).

O encantamento dos bebês ao encontrar o novo

Bebês em um mundo de descobertas. Uma jornada em diferentes ritmos, invenções, encantamentos, fantasias e desejos.



João tentando descobrir o que era aquele novo elemento na sala, que continha tantas cores diferentes e texturas que ele nunca havia visto.



Isabella encantada com as materialidades do "cesto dos tesouros". Materialidades tão exóticas na sala e ao mesmo tempo tão familiar para ela.



Esther experienciando e se surpreendendo com as diferentes sensações propostas pelo móvel.

1

Em um lindo dia ensolarado, quando já parecia tudo tão surpreendente, a porta de um lugar diferente se abre, e surge o solário. Por ali também estava tudo tão vivo e colorido, cheio de flores, folhas, gravetos, cascas de diferentes cores, tamanhos e formas. Um móvel de conchinhas do mar coloria o centro do solário. As garrafas pets tinham cada uma um som específico e estava decorada com mais cor. Tudo era novo e estava cuidadosamente preparado para ser explorado e descoberto a partir de interações e brincadeiras.



João e Islama se encantaram com as materialidades da natureza, exploraram para descobrir suas formas, cheiros e texturas.



Islama explorando sons fantásticos e altos que a garrafa poderia fazer.



Isabella ao esbarrar o graveto na barra de ferro do solário, ouviu um som muito interessante. Ela resolveu bater com o graveto novamente para explorar esta descoberta.

2

Fonte: Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL.

A sutileza nas ações planejadas, por meio de um espaço potente, permitiu a construção de relações e brincadeiras, utilizando diferentes materialidades. Evidenciar tais momentos na documentação pedagógica nos faz perceber que o trabalho com as crianças pequenas vai além das “atividades rotineiras”. As crianças deram vida ao solário, ao experimentarem os sons, as texturas e as brincadeiras que foram dispostas a elas.

A especificidade do brincar, valorizada através desta “arquitetura” de imagens e dizeres, remete-nos, também, a potencialidade das crianças e sua capacidade de tornar tudo ainda mais significativo.

Crianças brincam individual ou coletivamente e nesse ato experimentam e descobrem a vida que pulsa em diferentes ritmos a partir das linguagens com as quais aprendem a relacionar-se com os outros: trata-se da extraordinária capacidade em provar a vida de modo intenso, com tudo o que isso envolve, tais como, confrontos, tristezas, alegrias, amizades, tensões. Capazes que as crianças são de materializar suas ideias, ainda que tantas vezes incompreensíveis aos adultos, [...] as crianças, quando ouvidas, nos mostram que um mais um pode ser muito mais que dois. (GOBBI, 2010, p. 1).

As crianças se comunicam com o mundo de diferentes formas, construindo novas manifestações e compartilhando significados das experiências vivenciadas: um graveto batendo na barra de ferro; objetos excêntricos do cotidiano; texturas, formas e cheiros. As interações e as brincadeiras documentadas, acima, ressaltam, os diferentes ritmos expressos pelas crianças através das múltiplas linguagens.

Pensando nisso, “acreditar nas capacidades criadoras e expressivas das crianças, escutá-las e potencializar suas diferentes linguagens é o papel do professor na educação infantil. [...] ampliando os repertórios das crianças, apresentando a elas o mundo em suas diferentes composições” (GOELZER; LÖFFLER, 2016, p. 233). Elemento chave para o trabalho junto às crianças e suas diferentes linguagens, tais como a documentação que segue:

Figura 8 – Toca, pega, explora: as linguagens e as experiências das crianças com a natureza

6

As manifestações linguageiras das crianças e dos artistas convidam a reorganizar o mundo e experimentá-lo em outras versões, mediados pelos corpos que se mexem, que nem sempre falam com palavras e letras, mas que tanto dizem, provocando a conhecer o desconhecido ao mesmo tempo em que se constroem outros lugares de experiências, estranhando e conhecendo a todo instante”(GOBBI, 2010,p.02).

Toca, pega, explora: as linguagens e as experiências das crianças com a natureza

Aos olhos da criança, a vida é repleta de mistérios a serem desvendados... Tudo é novo! As cores, a areia, as sementes, os gravetos, as pedras e muitas perguntas que não acabam.

Quanto maior a variedade de materiais (varias texturas, gostos e cheiros) ofertados para as crianças, mais seu potencial imaginário e criativo será estimulado.



“A pedrinha dói a mão”
(Liz, 2 anos)



“Ui, isso suja a mão!!”
(Davi, 3 anos)



“Pode misturar tudo, tia?”
(Kalebi, 2 anos)

1

As experiências das crianças desde bem pequenas é muito importante e necessário. Como por exemplo, momentos em que possam explorar as texturas e cheiros das folhas, dos gravetos; a sensação de manusear um pincel diferente, feito com os elementos naturais que encontramos no chão, como podemos ver nas imagens abaixo.



“Pega a folhinha,
coloca aqui”
(Ana, 2 anos)



“Olha tia, é
assim que faz?”
(Ana, 2 anos)



“To pintando de verde
no azul” (Igor, 2 anos)



“Tia, tia, coloca mais tinta aqui!!”
(Daniel, 2 anos)



“Olha o que o Kalebi fez tia,
bagunçou tudo” (Davi, 3 anos)



“Pode pinta com
isso?” (Liz, 2 anos)



“Eu gosto de
vermelho” “É meu
vermelho”
(Kalebi, 2 anos)

Brincando com os elementos naturais, a criança se comunica e expressa passa a se agregar com a própria cultura, interroga fenômenos, amplia seu pensamento e sua criatividade na medida em que seu olhar ganha perspectivas novas.

2

Fonte: Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL.

As experiências diversificadas, que contemplam elementos do mundo em que vivemos, remete-nos a necessidade de pensar sobre a relação das crianças com a natureza. Ao observar esta documentação pedagógica, é possível encontrar nas expressões das crianças a curiosidade em manipular tais elementos. São elementos corriqueiros, que fazem parte do nosso cotidiano, mas utilizados de diferentes formas e jeitos. Pedras, sementes, folhas,

gravetos... enfatizar esta relação com o mundo natural amplia e oportuniza novas possibilidades para as brincadeiras, interações, indagações, descobertas, imaginação, criação.

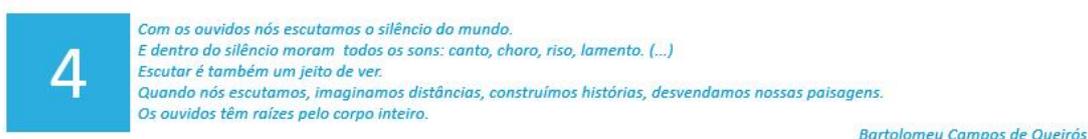
Tomar as crianças como fonte permanente e privilegiada da orientação da ação pedagógica, requer apurar o olhar e a escuta para ouvir suas hipóteses/explicações, mas acima de tudo, compreendê-las na sua forma de viver, sua lógica de pensamento e ação, suas necessidades como sujeitos que estão descobrindo e experimentando o mundo físico, natural e social. (FLORIANÓPOLIS, 2012a, p. 7).

Nesse sentido, ao levar para o ambiente educativo as experiências do mundo físico, com espaços, tempos e materialidades pensados e planejados, os acadêmicos deram condições para propiciar tais experiências significativas.

Pensando nos eixos norteadores da Educação Infantil – interações e brincadeiras por meio das diferentes linguagens -, ao promover e documentar tais experiências, a educação torna-se mais ampla, de qualidade.

Os significados produzidos, ao contemplar as diferentes linguagens, contribuem para grandes descobertas. A documentação pedagógica abaixo reforça esta ideia (Figura 9).

Figura 9 – Música, sombra e seus encantos: A ampliação das experiências sonoras, musicais e corporais das crianças na creche



Música, sombras e seus encantos : A ampliação das experiências sonoras, musicais e corporais das crianças na creche

Pensar espaços potentes com diferentes materialidades na instituição de educação infantil é fundamental para estar ampliando o repertório das crianças em suas diferentes linguagens, pensando no desenvolvimento delas em um ambiente lúdico.



Proposição de uma oficina musical na sala com luzes coloridas.

O efeito das luzes e sombras nas paredes transformaram a experiência.

Encantamento com o colorido e as sombras que se movem nas paredes.



O movimento como expressão da criança.



Vivenciando uma nova experiência.

As luzes coloridas destacadas por formas diferentes na parede da sala da creche III fez com que as crianças expressassem seus sentimentos, gestos e gostos, de uma forma singular. Com a proposta de ampliarmos o repertório musical das crianças, oportunizamos músicas de diversos gêneros. A felicidade e diversão que existia através dos movimentos, expressões e linguagens tomaram conta do ambiente. O contato com as sombras, o conhecimento dos novos gêneros musicais no espaço da creche, a liberdade da linguagem corporal fez dessa vivência uma experiência única e marcante, tanto para as crianças quanto para os que fizeram parte e vivenciaram este momento.



Liberdade de pular, dançar, gritar e cantar.



A felicidade de dançar com os amigos.

2

Fonte: Centro de Documentação Pedagógica Giardino – UNISUL.

Os registros documentados nos remetem a uma ideia de corporeidade. Crianças que se comunicam de diferentes formas. Corpos que expressam emoções em diferentes ritmos. As luzes compõem o clima, mas são os movimentos que exaltam a imagem de criança potente, produtora de cultura e constituem uma linguagem corporal, que permite a ação sobre o meio. Pensar na corporeidade “[...] também nos ajuda a perceber que o corpo não existe isoladamente, as práticas culturais, sociais e todo o conhecimento produzido em torno do corpo e pelo corpo, dão contornos para os modos de ser, estar e se comunicar no mundo [...]” (FLORIANÓPOLIS, 2012b, p. 2). Corpo e mente, juntos.

Ao se comunicar com movimentos corporais, as crianças se expressam, constroem relações e vivenciam diferentes formas de ser e estar na creche. Seus ritmos e manifestações potencializam a concepção de criança produtora de cultura.

Documentar é procurar pistas do percurso educativo. É colecionar preciosidades que ressignificam o processo. **A documentação pedagógica sustentou a docência dos estudantes, enriquecendo a entrada no espaço educativo com o olhar para além das aparências:**

Como futura docente, creio que é imprescindível o como olhamos para as relações para que estas não fiquem despercebidas na correria da rotina. Devemos sempre exercitar o ato de registrar as crianças [...] e é através dessa interpretação ao nosso registro que vamos alimentando o encantamento pela Educação Infantil. (Acadêmico 8).

Olhar atentamente para o percorrido possibilitou a construção de experiências significativas para e com as crianças, compreendendo como elas aprendem e se relacionam.

O ato de documentar ressignifica o processo educativo, permitindo reconhecer e valorizar a infância à medida que o professor narra as experiências e transpassa a imagem de criança potente, ativa, imagética; criança que necessita de tempos, espaços e relações capazes de sustentar o ser e estar na creche. O trecho abaixo afirma:

Através da documentação pensamos ainda mais nas nossas crianças [...]. Sem a documentação não conseguiríamos mostrar as situações significativas, além do nosso olhar, compartilhando isso. [...] a cada descoberta, sorriso, alegria e emoção que encontramos em cada criança, no seu jeito singular, foi e teve um significado gigante para nós. (Acadêmico 14).

A documentação pedagógica permite, dentre tantas possibilidades, fundamentar as estratégias que o professor irá utilizar, dando visibilidade aos interesses, às ideias, às teorias das crianças. De acordo com Edwards, Gandini e Forman (2002, p. 232), “O processo de documentação ajuda os professores a seguirem as transformações e as trajetórias das crianças e forja relações e conexões por meio dos quais novos ‘tornar-se’ são produzidos.”

Dar visibilidade. Dar voz às crianças e suas diferentes infâncias. Este exercício tornou-se essencial no decorrer da docência dos estudantes, como relatado abaixo:

Contando a história do que as crianças vivenciaram, experienciaram, [...] ali também está a nossa história contada. [...] documentação é a base para nosso trabalho prático em campo. (Acadêmico 6).

Este trecho de uma das cartas afirma que a estratégia de documentar todas as etapas percorridas, observadas e planejadas foram bases para a formação destes futuros professores. Além disso, a documentação permitiu a articulação entre a teoria e a prática, levando a campo de estágio elementos internalizados no espaço acadêmico.

4 CONSIDERAÇÕES PARA ESSE TEMPO DE ESTUDO

Para a construção desta pesquisa, aprofundar os estudos acerca da construção histórica da Educação Infantil, tais quais a qualificação para os profissionais da área e a estratégia de documentar a experiência cotidiana, foram essenciais, pois permitiram uma aproximação com o tema, sua origem e conceitos. O ato de documentar mostrou-se uma prática inovadora na

Educação Infantil, oferecendo suporte para exercer a docência e podendo contribuir de maneira significativa na formação inicial de professores da Educação Infantil, à medida que permite novos olhares para a pedagogia da infância.

A documentação pedagógica constitui-se no registro - através do olhar e da escuta sensível -, na interpretação - dando significado aos acontecimentos - e na construção de narrativas. Os acadêmicos, profissionais em formação, experimentaram o papel do professor pesquisador/coleccionador (PANDINI-SIMIANO, 2015) ao ir a campo de estágio, olhando para as crianças, registrando, refletindo, narrando, propondo novas vivências e se envolvendo na dinâmica do “ser professor” e “estar na creche”.

A partir desse percurso, identificar nas documentações produzidas pelos acadêmicos os conceitos de criança, nosso primeiro objetivo específico, resultou em uma concepção de criança como sujeito de direitos. Crianças potentes e autônomas, que não necessitam da interferência dos adultos para fazer suas próprias descobertas. As documentações permitiram a valorização desta imagem de criança ao narrar suas experiências no espaço educativo, valorizando, outrossim, sua construção histórico-social.

Ainda analisando a operatividade da documentação pedagógica, buscamos identificar indicações de práticas docentes que assegurem as especificidades do brincar, das interações e das linguagens, nosso segundo objetivo específico. Pudemos observar, através das documentações que o trabalho pedagógico vai além das atividades rotineiras, à medida em que as crianças dão novos significados para as relações e para as materialidades, comunicando-se com o mundo de diferentes formas.

Pensando na contribuição da documentação pedagógica para a formação desses futuros professores, concluímos que a prática de documentar subsidiou a docência dos acadêmicos, ressignificando a ida ao campo de estágio, com um novo olhar para as especificidades da Educação Infantil, para as crianças que lá estão e suas diferentes infâncias. Concluir este trabalho não significa colocar um ponto final, ao contrário, as considerações que tecemos são para esse tempo de estudo, pois ainda há muito a estudar sobre a temática.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Rosa. Cotidiano da Educação Infantil: Espaço Acolhedor de Emancipação das Crianças. **Revista Zero a Seis**, Florianópolis/ UFSC, v. 10, n. 18, p.53-67, jul/dez 2008.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ**, n.19, p.20-28, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 15 abr. 2020.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 03 abr. 2020.

CARVALHO, Kézia Costa de Oliveira Rocha. **Ensinando futuros professores: primeiras experiências em estágio supervisionado**. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/1919/1/Kezia%20Costa%20de%20Oliveira%20Rocha%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

CERISARA, Ana Beatriz et al. Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil. **Zero-a-seis Revista eletrônica**, v. 4, n. 5, jan./jul. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/11157/10630> Acesso em: 06 abr. 2020.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FLORIANÓPOLIS/PMF/SME. **Relações com a natureza: manifestações, dimensões, elementos, fenômenos e seres vivos**. Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Florianópolis. Prefeitura Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora, 2012a.

FLORIANÓPOLIS/PMF/SME. **Linguagens corporais e sonoras**. Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Florianópolis. Prefeitura Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora, 2012b.

GATTI, Bernardete. A formação inicial de professores para a Educação Básica: As licenciaturas. **Revista USP**, São Paulo, n. 100, p. 33-46, dez./jan./fev. 2013-2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELZER, Juliana; LÖFFLER, Daliana. *In*: CANCIAN, Viviane Ache; GALLINA, Simone Freitas da Silva; WESCHENFELDER, Noeli. **Pedagogias das infâncias, crianças e docências na educação infantil**. Santa Catarina: UFSM, Centro de Educação, Unidade de

Educação Infantil Ipê Amarelo; Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2016. p. 227-239.

GOBBI, Márcia Aparecida. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. **Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010, p. 1-21.

KRAMER, Sonia. **Retratos de um desafio: crianças e adultos na Educação Infantil**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LISBOA, Anna Carla Luz. **O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa na educação infantil: um olhar para a dimensão estética**. - 2019. 131 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2019. Disponível em: <https://riuni.unisul.br/handle/12345/8083>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). **Documentação pedagógica: teoria e prática**. 1. ed. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. A prática do registro na Educação Infantil: narrativa, memória, autoria. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 202-213 jul/dez, 2015.

PANDINI-SIMIANO, Luciane. Medidas de um outro olhar... Sobre a materialidade do espaço da creche e a constituição de um lugar dos bebês. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v.22, n. 93, p.1-15, set., 2014. Disponível em: file:///C:/Users/Acer/Downloads/Medidas_De_Um_Outro_Olhar_Sobre_A_Materialidade_Do_o.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.

PANDINI-SIMIANO, Luciane. **Colecionando pequenos encantamentos: A Documentação Pedagógica como uma narrativa peculiar para e com crianças pequenas**. 2015. 162 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.

PANDINI-SIMIANO, Luciane. **O processo de documentação pedagógica e a tessitura de narrativas na creche: Entre fios e desafios**. In: Reunião Científica Regional da ANPED-Educação, Movimentos Sociais e Políticas Governamentais Curitiba, 2016.

UNISUL. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Tubarão, 2012.